

# MARCA FANTASIA

APOIADA EM DIVERSAS TÉCNICAS E REFERÊNCIAS, A GAÚCHA CARLA BARTH LEVA SUA ARTE POP E ONÍRICA ÀS PÁGINAS DE REVISTAS

POR KARINA PADIAL  
DA REPORTAGEM

**D**efinir é matar, sugerir é criar". A frase do poeta francês Stéphane Mallarmé é adotada pela artista plástica gaúcha Carla Barth quando questionada sobre seus personagens espontâneos, ingênuos e oníricos. A citação, no entanto, não se limita somente à criação, mas se estende também à própria criadora. A abertura de seu trabalho garante a existência dela como artista.

Suas influências são tão diversas quanto o universo que pinta: contracultura, Beatles, desenho clássico, cinema — principalmente o diretor chileno Alejandro Jodorowsky —, naif e outras formas populares e religiosas. Inclui ainda uma "minilista de pintores como Frida Kahlo, Henry Darger, Jaca, Van Dyck, Henri Rousseau, Tarsila do Amaral, John Everett Millais". O mosaico de manifestações resulta numa artista que já ousaram classificar como "pop-naíí-surrealista".

Carla cresceu em meio às telas do ateliê dos pais. Apesar disso, incentivada por eles, fez faculdade de turismo porque, embora fossem artistas, "achavam que era uma profissão muito difícil". Era e é, mas não houve jeito. Pintora autodidata constante e aplicada, trancou a graduação para se dedicar também aos cursos de escultura e de desenho. Fez dessas expressões seus suportes, sem nunca deixar de experimentar outros formatos como colagens, instalações, murais e intervenções urbanas. Sua plataforma ideal é a vida: "Seria legal pintar objetos pela sala de uma casa, atropelando com pintura tudo o que tiver: sofá, cadeiras, TV, mesa, vasos..."





Não demorou para que seus traços surreais a levassem também para colaborações em veículos impressos. Seus trabalhos já estamparam as revistas brasileiras *Rolling Stone*, *Gloss*, *MTV* e *Trip*; as estrangeiras *Rojo*, da Espanha; *Atypica* e *Gataflora*, da Argentina; *Gob Magazine*, dos Estados Unidos; *Standard Magazine*, da França; *Amelia's Magazine*, *Plan B* e *Chut Mag*, do Reino Unido.

Mesmo habituada a pintar em telas de tamanhos variados, Carla afirma que a limitação de espaço e tempo, inerente às revistas, não foi problema para ela: "Os prazos são bem curtos, mas isso é normal, se acostuma. Eu gosto bastante". Em seus trabalhos para a imprensa, ela se concentra em técnicas de pintura com guache e desenho em caneta nanquim, além de utilizar Photoshop para colorir alguns traços.

### OLHAR ONÍRICO

Apesar de não se considerar uma artista urbana, Carla é de uma nova geração que não se prende somente às galerias, explorando todas as possibilidades de intervenções artísticas. Representada pela Choque Cultural, galeria paulistana que destaca arte contemporânea e urbana, ela avalia que no atual cenário a publicidade conseguiu, de forma



mais concreta que o jornalismo, se apropriar das artes plásticas. Isso porque, segundo ela, "a arte urbana está ligada a diversos produtos e marcas". Ela mesma foi responsável pela criação de artes para band-aids e capas de notebook, embora "publicidade, cliente e briefing" sejam palavras que a façam esquecer a essência da arte..

"Apenas porque é um trabalho que não vem do meu fluxo livre de ideias, do meu inconsciente. É um tipo de arte que vai ao encontro de ideias pre-estabelecidas, com propósito de 'conseguir cativar um cliente', por exemplo. Mas faz parte do meu trabalho", explica. Em compensação, o mercado de arte está aquecido. Carla acredita que esse tipo de trabalho hoje está mais acessível. Todos estão dispostos a comprar arte, "nem que seja uma serigrafia". A Choque Cultural, segundo ela, "tem muitos clientes de diversas classes, gente que tem interesse e não tem muita 'grana' e clientes que colecionam porque muitos artistas tendem a ter a obra bem valorizada com o tempo".

Em suas telas, Carla utiliza diversas tintas, principalmente acrílica, misturada a lápis e aquarela. "Adoro desenhar descompromissada", conta. O resultado é repleto de criaturas antropozoomórficas e personagens aparentemente ingênuos, envoltos por uma atmosfera surreal, fantástica. Suas pinceladas precisam unem elementos mitológicos e infantis, com percepção da realidade filtrada por um olhar onírico. "A arte é simbólica e os símbolos são absorvidos de maneiras diferentes por cada indivíduo. É uma busca por captar sensações, sonhos, sentimentos. Por isso, eu pinto o que gosto no momento, cada fase é diferente", reflete. Dentro dessas fases, cada desenho também é singular. Por meio deles Carla Barth vai trazendo cada vez mais gente para seu imaginário de psicodelia e encantamento. **1**